

PROJETO MURC

INQUÉRITO BR/RE Nº 21 .

BOBINA BR/RE Nº 01

PISTA: 2 de 342 a 995

TIPO DE INQUÉRITO: DID

DURAÇÃO: 45 minutos

Área 6. Vida Social, Diversões

INFORMANTE: Nº 27

SEXO: M

IDADE: 30 anos

DATA: 22/04/76

DOCUMENTADORES: Adair Palácio

Edileuza Dourado

GRAVADOR: PHILLIPS 4414

CONDIÇÕES TÉCNICAS DO REGISTRO: Normais.

[Bom, Tony, a você é uma pessoa sociável?]

Sociável? Bem, até certo ponto. É... já fui menos, acho que posso me considerar... atualmente mais ou menos sociável. Até os dezesseis anos não era muito introvertido e depois dos dezesseis anos, principalmente depois que comecei a praticar esportes e viajar um pouco mais... então, pouco a pouco eu creio... e depois pela profissão que eu iniciei, né? o estudo da medicina, pela necessidade de comunicar com pacientes e... com o resto do pessoal, então... , pouco a pouco creio que fui me tornando um pouquinho mais sociável. Mas, não sou muito, ainda não.

[Como é que você classifica em termos de Brasil, as classes sociais?]

As classes sociais?

[Como você vê isso?]

Bem. Eu acho que no Brasil têm duas grandes classes sociais, grandes, eu falo em termos... em termos numérico: é... a classe social inferior, aquela que... luta para sobreviver e a classe média. A classe média luta para continuar nessa classe, ao meu ver, porque dificilmente consegue, a não ser algumas exceções, passar dessa classe para uma outra que... acho que é tão pequena,

que numericamente não chega a constituir uma classe. Lógico que ela existe, é a classe privilegiada, mas... muito pequena. Eu creio que é a classe média nas cidades. Nas cidades é... é... prevalece. No entanto, se no campo a classe menos inferior, em termos de posse, de conseguir alguma coisa, deve ser mais numerosa, no interior.

[Como é que você saúda as pessoas quando se encontra com elas e como é que você vê os outros fazendo?]

Bem. Da maneira que eu saúdo, isso depende, depende... do grau de... de intimidade. Com as pessoas que eu tenho uma certa intimidade... " Óba, um tudo bem, alguma coisa? " Agora, com as pessoas que eu tenho, não é nenhuma intimidade, pouca intimidade; geralmente sou mais formal na maneira de se dirigir...

[Como seria?]

Não, eu pergunto realmente como tem... como tem passado, como vai a família e... coisas assim. E, da maneira d(e) eu me despedir, atualmente eu já... eu nem sei como é que eu faço isso. Mas, até um certo tempo atrás, se eu pudesse sair sem me despedir, eu preferia.

[Sempre?]

Sempre.

[Mesmo com a...]

Numa reunião assim...

[Mesmo pra uma ausência prolongada?]

Não, aí... aí já é um outro... um outro aspecto. Geralmente, eu costumo fazer uma visita às pessoas que são mais chegadas e conversar um pouquinho sobre... o motivo da ausência. Posso até que eu sempre fale: "até logo," mesmo que essa ausência seja um pouco prolongada.

[E, o tratamento, professor-aluno?]

Ben, eu sempre fui um aluno muito calado também e... quanto menos eu me dirigia ao professor, eu achava melhor e quanto menos ele se dirigia a mim, melhor ainda eu achava. Mas... eu creio que também que, pela maneira de criação ou de auto-educação, eu era muito formal também, e ainda hoje. Quando é professor eu trato por professor, quando é doutor eu trato por doutor, aliás, continuo tratando como professora, não é? Não devia não, não é? Questão de costume.

[E como é que marido e mulher devem se tratar?]

Eu creio que da... de uma maneira mais sincera possível e

mais íntima possível. Realmente isso é... torna-se capaz de ser realizado, dependendo de... é minha impressão, é minha opinião, se eles pertencem à mesma classe. Não à mesma classe social, em termos de posse, mas à mesma classe em grau de instrução. E... entre marido e mulher eu creio que a sinceridade, principalmente, deve prevalecer em todas as situações.

[Mas qual seria a forma de tratamento pra isso? Pra ser sincero?]

A forma de tratamento comum se refere a outro, como chama um ao outro. Ah!... eu creio que deve ser a maneira mais carinhosa possível. De... anjinho pra lá.

[E o pronome? pronome. É... seria...]

Eu... cre... é... creio que você, você. Eu não uso... eu não uso... muito, acho a... tu, não. Tu, eu acho... eu não uso muito não, em nenhuma forma de... de aproximação, eu creio que eu uso muito tu. Você, eu uso muito. Acho que lá no Rio Grande do Sul é o contrário. Você é que a gente não pode usar. E... é... considerado uma intimidade muito grande.

[E o tratamento em relação a seus pais?]

Olhe, eu sou uma pessoa muito esquisita em relação aos pais.

Eu fui uma criança muito observadora, isso é uma coisa que eu não digo pra eles, mas eu achava que a maneira de nos educar, de nos instruir e a aproximação que no início creio que deve partir do pai para o filho, não sei se é muito fácil partir do filho para o pai, era também muito reduzida, muito fechada, essa aproximação. De modo que ainda hoje eu falo muito pouco em casa. Não sou de falar muito na rua. No local de trabalho sim, eu falo um pouco mais por necessidade, mas... em casa então, eu falo muito pouco. E, o tratamento é senhor. O senhor, a senhora... não assim com... aquela, eu chamo hierarquia, ou muito distante, mas é a maneira com que eu trato, o pai ou a mãe.

[E se um dia você tiver filhos, como é que pretende exercer essa forma de tratamento?]

Ah... com aproximação bem... bem maior, bem maior. Como eles irão me chamar eu... eu não... não sei, não sei.

[Provavelmente eles vão lhe chamar da forma como você orientar, não é? o que é que você pretende?]

Olhe, sinceramente, eu não pensei exatamente assim... com isso, ainda não. Mas... pensando agora, eu creio que, se for possível, tratar por você, eu creio que será melhor; isso

guardando, lógico... guardando o devido respeito porque isso os pais naturalmente imprimem às crianças, aos filhos, se não souberem se portar.

[Você gosta de música?]

Gosto. De música, gosto bastante.

[Toca algum instrumento?]

Não, Não e lamento bastante não ter aprendido. Se eu tivesse de... escolhido algum instrumento, teria sido piano.

[Que tal você citar um bocado de instrumento]

Um bocado de instrumento? Ah! Lá!

[Os que você conhece pelo menos de ouvir falar]

De ouvir falar. Então, o piano, que eu já citei, o violino, o arcódeon, a flauta... acho que classificar assim, eu teria que sair enquadrando... os instrumentos de percussão ININTELIGÍVEL bateria é... um surdo e depois, ir para os instrumentos de sopro e ficar em clarinete, piston, na tuba e depois ir para os de corda, com violão e o violino que eu já citei e a harpa..., eu não sei nem se harpa se enquadra em instrumento de corda, e o órgão, o órgão eletrônico... deve ter mais um... mais ININTELIGÍVEL.

| Você gosta de fazer visitas? |

Não. Eu já... eu já falei que não sou muito sociável e quando eu falo que não gosto de fazer visita... eu digo não em termos de freqüência. Eu posso fazer muitas visitas às mesmas pessoas. Poucas pessoas, eu costumo visitar mais as mesmas pessoas do que visitar muito pessoas diversas. As casas que eu vou, geralmente são as mesmas... acho que umas cinco, mas vou sempre. Então nesse aspecto eu visito.

| Qual é o tipo de visita ININTELIGÍVEL !

É... essas visitas, não sei se uma palavra implicá na outra, visitas sociais. Assin... aniversário, casamento, ou então mesmo uma visita é... inesperada que combinamos, é de repente, às vezes anunciam só pelo... por um telefonema dado um pouquinho antes, só para localizar se a pessoa está em casa mesmo e... mais visitas informais. Visita de pêsames, essa eu nunca fiz não. Ir só para pêsames, essa eu nunca fiz não.

| Você gosta de dançar? |

Eu já dancei bastante, entende? Eu comecei ir à festa aos dezesseis anos, quando começou aquela fase de esporte também, e ia. Então, nas primeiras vinte ou trinta festas eu ficava olhando; ia e voltava para casa sem dançar. Se eu fui, e devia

ter dançado; mas, da próxima vez, eu vou dançar e, na próxima vez não dançava de novo, e voltava sem dançar. Mas... depois comecei indo... a bastante festa, mais do que o usual, eu acho e... e dançava bastante. Eu acho que eu dançava bastante porque quando, isso quando rapaz, quando rapazote, e quando o rapazote vai à festa ele tem que dividir o tempo dele no que ele vai fumar, no que ele vai beber, no que ele vai dançar e conversar. Como eu não fumava e nem bebia, sobrava tempo para conversar e para dançar, então eu conversava dançando. Então dançava um bocadinho de tempo. Atualmente a gente tem pouco, nós temos pouca chance... de dançar, principalmente quando fala: "Não, eu não sei dançar" e... e no fim sabe, folga, dançar direitinho mesmo. Mas SUPERPOSIÇÃO, pra cantar. Bem, eu não tinha irmã, mas tinha prima, então eu tinha de aprender errando mesmo. Eu me lembro, não se já falei pra Virgínia alguma vez isso, é que numa dessas festas que eu ia, ia ao Português porque eu nadava lá e ficava de longe, não conhecia quase ninguém, e de repente eu vi uma fisionomia que me parecia muito, assim... conhecida, que fosse uma prima minha que que faz tempo que eu não vejo, e achei de tirar pra dançar e não era, era uma mineira, e eu não aceitava nada e ela falava: - será

que nós não vamos aceitar? e eu procurava um burquinho pra entrar mas, pouco a pouco fui aprendendo, e hoje, apesar de destreçado, acho que já dá para sair do lugar um pouquinho.

| O que é que você dança? |

Atualmente nada e... há algum tempo atrás, tudo que tocasse.. menos frevo, porque frevo é pular... e eu não era muito dessa dança muito agitada, assim não. Preferia... naquela época, eu ia à festa era seis anos ou sete anos atrás. Então, naquele tempo as músicas eram um pouquinho mais calma, mais lenta e... dançava isso.

| Que coisa? |

É... bolero, samba, essas coisas. A fase do iê-iê-iê, eu já não peguei tanto assim, indo a festa porque naquele tempo eu não era, quarto ano, quinto ano de medicina, sexto ano ali eu já (es)tava já bem afastado e no tempo de residência, residência médica, foram três anos é... esses três anos que eu passei em São Paulo então, eu não fui. Não tinha nem tempo nem dinheiro. Então, eu não fui a nenhuma boate, não fui a nenhuma festa, não fui a nenhum clube. Era só pra estudar mesmo. Esses três anos foram só pra estudar.

| Que dança exigiam o resto? |

Eu não sou muito de dançar em grupo, digamos, no Carnaval se fazem aquelas rodinhas, eu não gostava de fazer; quadrilha, eu nunca tive disposição para dançar; e regional só dei dançar Ciranda... eu nunca participei não. De dança Regional, realmente, eu nunca participei não. Gosto muito de olhar... quadrilha, ia... me divertia bastante olhando, mas, quando chamavam para dançar, eu preferia, porque eu sempre evitei também, a não ser quando eu era muito pequeno, o que não... não... notava, eu sempre evitei me fantasiar de qualquer coisa que fosse, nem colocar uma máscara, coisa e tal, e pra dançar quadrilha eu tinha que colocar...aquelas vestimentas tradicionais, eu preferia não colocar. Não... ..

ININTELIGÍVEL.

! E música erudita, você gosta? !

Gosto. INAUDÍVEL.

! A música como dança? !

Não, como dança não. Para ouvir, para ouvir. Já ouvi bastante, cheguei até a entender alguma coisa e... atualmente, por uma questão de falta mais de tempo, eu não tenho ouvido tanto música, pois conhecia, acompanhando, música e se forem perguntar que autores é... o Chopin, gosto muito do "Noturno" de Chopin, as

músicas de Bach também e... outras tantas clássicas assim
 Tchaikovsky é... já Beethoven é preciso que se entenda mais, se
 escute mais e se estude mais para poder aceitar a música da
 Beethoven. Eu... eu acho, creio que ela (es)tá(r) um pouquinho....
 um pouquinho acima do que eu cheguei a entender de música clássica,
 então ouvia, mas não ouvia tão repetidamente como ouvia Litst
 como ouvia Chopin... e outros.

! Você prefere cinema ou teatro? !

Eu vou lhe parecer muito complicado. Cinema, eu desenvolvi
 uma certa... não chega a ser fobia a cinema... Isso foi na época
 do Vestibular que nós íamos pro Cursinho e por um outro motivo ou
 outro o professor que ia dar aula faltava e... às vezes saía
 aquela turma e eu ia também no meio, íamos pra... um cinema
 qualquer. E, mal apagavam-se as luzes e começava a aparecer
 aquelas letras, aqueles anúncios ou qualquer coisa, dava um
 sensação que eu estava perdendo tempo. Olhava prum lado, olhava pro
 outro, e me perguntava: o que é que eu estou fazendo aqui? E,
 muitas vezes saía, antes mesmo do filme começar. E, geralmente,
 como eu ia para cinema... depois, ia pra cinema só... mais, muito
 mais, duas, três vezes, eu saía antes do filme começar. Eu olhava

e dizia ii... dava a sensação que (es)tava perdendo tempo. Como em teatro eu não podia sair se eu resolvesse sair... então, a teatro eu ia muito pouco, fui muito pouco, talvez duas ou três vezes e... fui levado. Eu pouco ia a teatro... eu fui... a teatro... a teatro assistir, mas de procurar assim... de ir, não. Fui muito pouco. Atualmente eu tenho ido mais a cinema, essa fobia já desapareceu bastante, então desapareceu e sempre que eu tenha tempo... eu vou e gosto.

| E outros divertimentos? |

Parece que eu (es)tou falando muito pouco, era pra falar mais, né? Olha... a... eu sempre dei um valor muito grande a esporte... não vou puxar para esporte não. Parece que a gente não deve puxar para assuntos... que... são soltos. Bem, eu sempre encarei o esporte, não apenas como um divertimento. Antes disso, é uma maneira de educar e nisso foi que eu vi, no esporte, não no esporte como diversão, mas no esporte na maneira que eu cheguei a praticar em nível de seleção, de clube, de campeonato brasileiro. Então, o esporte ensina a pessoa... primeiro a se auto-analisar, conhecer suas possibilidades e conhecer suas deficiências e procurar aperfeiçoar as qualidades e, se possível

diminuir as deficiências ou encobrir, desde que seja possível, como ensinar também a analisar o adversário, isso às vezes rapidamente, descobrir as deficiências daquele adversário, isso depois é empregado na vida prática e saber onde atacar, onde se basear para vencer... ou... seus pontos onde deve se defender melhor para evitar ser vencido. E também o esporte ensina a vencer, mas também ensina a perder, quando sabe-se que nós perdemos para alguém melhor ou perdemos porque não nos saímos muito bem naquela ocasião e se pode perfeitamente se recuperar numa outra oportunidade. Então, como diversão eu sempre me dediquei também como diversão a esportes e sempre que é possível... pena que na carreira que nós abraçamos não temos tanto tempo assim disponível... mas sempre que é possível eu ainda pratico alguma coisa de esporte: vôlei, principalmente... agora, como parte social, na maneira de aproximar também.

| Quais são os esportes que você gosta? |

Eu... eu cheguei a praticar... quase todos os esportes. Desde o futebol no tempo de colégio e depois parti pra outros esportes, chamados esportes básicos, atletismo e fazia várias modalidades: salto, corrida e depois hokei sobre patins e...

natação, basquete, tudo isso em fase diferente até que me situei principalmente no vólibol e com o vólibol eu pude, inclusive, viajar e conheci, praticamente, o Brasil todo e de graça... e sempre acompanhado de uma turma muito amigável... e é ainda o esporte que eu dou preferência. Infelizmente aqui no... no nosso país, os outros esportes, excetuando futebol, não são muito difundidos e divulgados e para assistir, digamos, pela televisão nós não temos chance, a não ser um ou outro programa que mostra esporte, esporte espetacular, esporte internacional e... temos que nos contentar em observar e assistir pela televisão o futebol. Sair para ir ao campo de futebol, assistir uma partida, não vou. Não vou... talvez até por uma questão de comodidade, não sei, mas não vou. Eu não sairei de casa para assistir simplesmente uma partida de futebol, posso ir para assistir uma sessão de ginástica olímpica, ginástica rítmica de vólibol, de basquete mesmo mas... futebol eu não sairia não. Tênis... tênis eu cheguei a praticar. Tênis parece, a distância, um esporte fácil, mas não é. É um esporte que requer muita técnica e então, quem vai para o tênis tem que escolher: se vai fazer o tênis social, aquele que se joga nas cartas e... conversa e depois

joga até sem contar pontos, ou então o tênis como esporte. Então, esse tem que ser muito dedicação. Há aula, aula de posição de corpo, posição de raquete... eu não cheguei a praticar o tênis, digamos, esses outros esportes eu cheguei a participar de competições oficiais, o tênis eu nunca cheguei a participar de competições oficiais não. Cheguei a jogar tênis, então, digamos, socialmente. Lá no Internacional, o pessoal ia jogar tênis e eu jogava também, e como fazia um, outros esportes, não cheguei a me dedicar, me dedicar ao tênis.

| E... esportes de carro? De observação também corrida de cavalos... coisa assim séria |

Não.

| E outras coisas, pode pensar nas outras. |

Ah! automóveis, ciclismo... não eu sempre dei preferência ao esporte... aos esportes que dependesse o resultado, principalmente do indivíduo, do indivíduo ou da equipe. Quanto mais treinar, quanto mais se aperfeiçoar, maior chance de chegar à vitória ou pelo menos de competir bem. Então, quanto mais o esporte for, depender de aparelhos, digamos: corrida de automóveis, automobilismo, que vai depender de equipe, de mecânico, do... do

motor do carro, de várias outras circunstâncias, então, corrida de cavalo vai depender então mais... do cavalo, mesmo o salto em obstáculo ou o hipismo... não. Eu prefiro os esportes que o resultado depende do indivíduo e não da sorte, quanto menos a sorte influenciar, quanto menos aparelhos ou quer que seja... influenciar, eu mais me afasto.

| Já foi a alguma arena? |

Arena de... tourear? Não. Conheço tourada através de cinema, através de cinema, através de televisão e... aliás eu sou contrário à tourada porque, digamos: eu posso observar uma luta de box. Eu fiz também esses esportes de auto-defesa, caratê, judô... box não. Mas, eu posso observar uma luta de box porque os dois estão ali; pelo menos temos que aceitar, porque quiseram e... na tourada, essa frase não é minha, o toureiro está ali porque quer, mas o boi não pediu a ninguém, o touro não pediu a ninguém para estar e, se nos formos, costumamos observar as touradas, sabemos que o touro tem muito, muito pouca chance, muito pouca chance.

| ININTELIGÍVEL de descrever uma tourada? |

Uma tourada, através do que eu sei de cinema? Bem de início aquela, aquela introdução na qual há incenação e anunciação

através de... aquelas cornetas, deve ter um nome apropriado, mas aquelas cornetas que fazem... INAUDÍVEL e então seguido daquele verdadeiro desfile dos cavaleiros, deve ter nome especial também, e dos toureiros que vão participar e... depois desse desfile onde, grande encenação é feita... roupas coloridas, às vezes até a... antes aqueles, aqueles lançamentos de bandeiras para o alto e... aquela encenação toda, então... o início da tourada, pelo que pudemos observar na televisão, em cinema, aquela fase inicial de análise em que o toureiro passa a analisar o touro, o lado que ataca; se ataca pela esquerda; se ataca pela direita, e eu acho que o touro, muito assustado, e é forçado então a... de encontro a... ao objetivo, não dele, mas do toureiro que é de encontro à capa, não de encontro ao toureiro. Então, aquela série de passes, verônicas e outros tantos que deve ter é... no intuito de cansar o touro. E se ele não cansa tão rapidamente, então vêm aqueles cavaleiros com lanças e que espetam o touro ININTENCIONAL.

| Sabe o nome deles? |

Não creio que fosse só lanceiros, deve ter alguma coisa outra, não lembro assim exatamente qual o nome apropriado.

| E quando o toureiro joga uma peça para atingir o touro, como

é que se chama? |

Podê ser que eu não me lembre agora, porque eu também tenho isso; quando eu quero lembrar exatamente, quando sou forçado a lembrar de alguma coisa, às vezes eu não lembro. Mas... não, não, não vou lembrar...

| Ô ~~Tudo~~, e... desses esportes modernos de autodefesa que você diz que estão na moda, você conhece algum ININTELIGÍVEL na TV, achou interessante? |

Já... já. Eu fiz durante vários anos o... comecei com jiu-jitsu, depois foi superado pelo judô, o jiu-jitsu desapareceu, então fiquei vários anos com o judô e depois, quando o karatê foi trazido para qui, nós fomos uns dos que iniciaram a prática do karatê aqui no Recife, e eu fiz durante... mais uns três anos. É lá em São Paulo eu tinha um colega de residência que praticava o karatê numa das melhores academias e eu tive oportunidade também de treinar um pouco mais... aí já mais... como exercício para não ficar tão parado. E... nessas artes marciais é... chinesas ou japonesas, nós temos de ver também o aspecto sempre educacional, a questão da confiança que ela imprime ao praticante. É muito comum isso, nós observamos muito em Academias, em Academias de karatê

que, quem vai para lá, vai pensando justamente em aprender aquelas séries de golpes, aquelas séries de movimentos para poder então agredir numa festa de clube, então quando tiver aquele quebra-quebra, então ele participa muito bem e no fim o que acontece é justamente o contrário. À medida que vamos alcançando uma certa segurança dentro da... daquele esporte, karatê, judô, kung-fu uma das mais... atual, o indivíduo vai se tornando mais calmo. É uma questão mesmo de autoconfiança e dificilmente, às vezes até quando provocado ele, ele... ataca. Ele se defende, quando for necessário. Mas atacar, muito dificilmente.

| E você joga? |

Jogo o... o... aquele jogo de carta? ou... não, não. Eu não, não... não, nem jogo nem de corrida de cavalo, nem... agora, tenho jogado na Loteria Esportiva... duas vezes e devo continuar jogando assim. Mas a Loteria Esportiva tem um outro aspecto também além daquela de jogar e querer ficar rico da noite para o dia, isso é um desejo... então uma percentagem enorme de brasileiros, mas ela tem uma parte positiva também... que é uma esperança que se renova. Eu... tenho notado isso, eu tenho notado isso lá em casa; então é uma esperança que se renova a cada semana e aquilo tem um

aspecto positivo, no próprio povo, o nosso povo que sofre tanto... então, aquela esperança, através de dois ou três cruzeiros, semanais vai se renovando e talvez ele possa, o povo, produzir mais, esperando aquele fim de semana e no fim de semana ele não ganha, mas há sempre uma oportunidade de no próximo fim de semana ele vir a ganhar, acertar na loteria. Mas, pessoalmente, não. Principalmente o jogo de AZAR nunca, nunca me dediquei. Poderia ir, visitando os Estados Unidos e... indo a Las Vegas visitar um cassino, apenas como curiosidade e poderia até jogar numa máquina daquela caça-níquel, por curiosidade, como turismo, mas mesmo se, se perdesse eu não ia continuar jogando, e, mesmo se ganhasse, eu não ia me encher da... me encher daquela sensação que todos os jogadores, de início, cientes de ganhar cada vez mais e continuar até perder aquilo que ganhou não. Eu poderia jogar apenas como turista e em uma ou duas ocasiões, só.

| E outros jogos a ser esses em casa, na vida familiar, nunca você despende um relacionamento relativamente frio, não é delicado |

É.

| Mas esses jogos que se jogam |

Sei, de salão... sei. Eu... jogo de damas, xadrez e dominó e
ainda também, muito raramente... muito raramente. Ele dediquei
também ao xadrez, mas xadrez nós temos também que escolher, se nós
vamos jogar xadrez, apenas socialmente, ou se nós vamos ser um
estudioso do xadrez, e se quisesse, realmente, um jogador de
xadrez, um estudioso do xadrez, a pessoa tem que se dedicar
inteiramente àquilo, porque são livros e livros, da mesma maneira
que nós temos com Medicina, livros e livros publicados, nós temos
livros e livros publicados sobre xadrez. Técnica de aberturas,
técnicas de segmentos de jogo, de fechar fechamento de defesa,
técnica de ataque... E... o que me fez não me dedicar inteiramente
ao xadrez, é que eu pude observar que o xadrez, o conhecimento do
xadrez leva apenas a jogar xadrez. Não se deve pensar de que... e
também numa certa capacidade de... de concentração que ele
desenvolve. Mas, achar que, jogando xadrez, estudando xadrez, vai
desenvolver raciocínio, outras coisas parecidas que podem então,
depois, serem colocadas em uso na vida prática, não; à memória,
sim, porque o xadrez chegou ao ponto que trata apenas de
memorizar. Então, nesses jogos internacionais eu tenho quase
certeza que é assim, e não ser quando surge uma daquelas chamadas

variantes, mas em que determinadas situações, aquelas situações já foram jogadas, estão descritas em livros. Então, ele lembra; essa jogada, esse andamento foi o andamento do Gapa-Bianca jogando com Arlequim, não sei aonde, e eles apenas... relembram aquela sequência, e eles lebram, tanto que um jogador de xadrez, ele joga às cegas, quer dizer, sem o tabuleiro, desde da última até a primeira até a última jogada sem olhar para o tabuleiro, apenas memorizando onde está cada peça e cada peça que já foi vencida e cada peça que já foi tomada... então, o xadrez... o conhecimento do xadrez não leva a nada além do xadrez. Desenvolver um pouquinho a observação, desenvolver a capacidade de, de concentração, mas fica só aí. Então, eu fui... também no xadrez, até há uma parte social. Dá pra jogar... mas não como jogador de xadrez, que estude ou então não dá nem para passar da décima jogada.

! O que é que você faz nos seus fins de semana? !

Fins de semana... Bem, eu estou de volta a Recife há pouco mais de um ano e nos meses iniciais, talvez nos oito primeiros meses da volta,, eu me dedicava inteiramente a... o que eu fazia, terapia intensiva. Fim de semana, era dentro da terapia intensiva; noite, dentro da terapia intensiva; horário vago, dentro da

terapia intensiva; nos horários de trabalho eu ficava lá mesmo. E... atualmente, fim de semana, tem sido dedicado, lógico, a determinadas pessoas e nós temos passeado, aliás, passeado... não sei ela, mas eu nunca passeei tanto, eu nunca fui de sair muito, mas então nós temos ido dar umas voltas... e Monte Guararapes... e praias, pouco mais distantes, pra conhecer ou então pra casa de familiares que têm piscina, e um campinho de vôlei, nós podemos jogar um pouquinho, conversar um pouquinho, fazer um pouquinho de sociedade, sociabilidade, não sei como é que se chama.

| Você gosta de ler? |

Tem que ser rápido? Bem, eu praticamente me auto-educuei e então... eu, em casa, papai sempre leu muito e forçava muito a ler, não forçava, aconselhava muito a ler, mas como eu não seguia outras orientações, porque naquele tempo eu achava que essas orientações não eram as corretas, eu também não lia muito... e eu desenvolvi progressivamente outras maneiras de receber, captar outras maneiras de percepção. Tanto que eu costumava dizer que eu pegava as coisas no ar. E, eu achei que poderia ao invés de buscar os conhecimentos já escritos e já desenvolvidos nos livros, adquirir meus próprios conhecimentos em quase todos os sentidos.

Então, de me dedicar inteiramente à leitura ou me dedicar bastante à leitura, não. Atualmente eu tenho convivido com pessoas que lêem bastante, então, eu tenho notado então a importância da leitura, se uma leitura bem orientada. E, agora que eu tenho notado essa importância, eu não tenho tanto tempo de ler. Então, eu tenho procurado continuar captando, através de experiências que chegam até nós por diversos meios, sejam eles quais forem e, sempre que possível, leio alguma coisa, mas agora que eu vejo a importância, eu tenho tido pouco tempo e não tenho lido muito.